

O CORPO ADOLESCENTE E SUAS SINGULARES VIAS DO DIZER

Yara Amorim Viana de Castro¹
Anamaria Silva Neves²
João Luiz Leitão Paravidini³

RESUMO

Este artigo pretende discutir as especificidades da adolescência, principalmente as questões que tangenciam o corpo como via de expressão. A clínica psicanalítica com adolescentes tem apontado as formas contemporâneas de sofrimento e subjetivação, tendo o corpo se tornado crucial condição de expressão do mal-estar vigente. Diante do Outro da adolescência, que se mostra como insuficiente, diferentemente do Outro que a criança tinha como consistente, o adolescente se depara com o Real. A partir desse encontro, o adolescente se vê frente a sentimentos de angústia e do inominado, tornado frágil a condição de existência. Atrelado às mudanças fisiológicas advindas da puberdade, causando um excesso pulsional que invade e lhe tira do discurso, o adolescente encontra no corpo um campo propício e singular de inscrição. Esse corpo do desamparo passa a ser utilizado enquanto via de expressão e tradução possível na composição do laço social. A clínica psicanalítica, ante o exposto, pensa sobre espaços para esse corpo, com vistas ao dizer que se faz possível na construção discursiva.

Palavras-chave: Adolescência. Corpo. Psicanálise.

¹Psicóloga, mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia. Endereço eletrônico: yara_amorim_castro@hotmail.com

²Doutora em Psicologia; pós-doutora pela Metropolitan University of London; professora titular no Curso de Psicologia (graduação e pós-graduação) na Universidade Federal de Uberlândia. Endereço eletrônico: anamaria.neves@ufu.br

³Doutor em Ciências Médicas; pós-doutor pela Universidade Federal de Minas Gerais; professora associado no Curso de Psicologia (graduação e pós-graduação) na Universidade Federal de Uberlândia. Endereço eletrônico: paravidini@ufu.br.

THE ADOLESCENT BODY AND ITS UNIQUE WAYS OF SAYING

ABSTRACT

This article intends to discuss the specificities of adolescence, especially the issues that touch the body as a way of expression. The psychoanalytic clinic with adolescents has pointed out the contemporary forms of suffering and subjectivation, with the body becoming a crucial condition for the expression of the current malaise. In the face of the Other of adolescence, which is shown to be insufficient, unlike the Other that the child had as consistent, the teenager is faced with the Real. From this encounter, the teenager is faced with feelings of anguish and the nameless, making the condition of existence fragile. Linked to the physiological changes resulting from puberty, causing a pulsional excess that invades and takes them out of their speech, the adolescent finds in the body a favorable and unique field of inscription. This body of helplessness starts to be used as a means of expression and possible translation in the composition of the social bond. The psychoanalytic clinic, in view of the above, thinks about spaces for this body, with a view to saying that it is possible in the discursive construction.

Keywords: Adolescence. Body. Psychoanalysis.

EL CUERPO ADOLESCENTE Y SUS SINGULARES FORMAS DE DECIR

RESUMEN

Este artículo pretende discutir las especificidades de la adolescencia, en especial las cuestiones que tocan el cuerpo como forma de expresión. La clínica psicoanalítica con adolescentes ha señalado las formas contemporáneas de sufrimiento y subjetivación, siendo el cuerpo una condición crucial para la expresión del malestar actual. Frente al Otro de la adolescencia, que se muestra insuficiente, a diferencia del Otro que el niño tenía como consistente, el adolescente se encuentra frente a lo Real. A partir de este, el adolescente se enfrenta a sentimientos de angustia y lo innombrable, fragilizando la condición de existencia. Ligado a los cambios fisiológicos derivados de la pubertad, provocando un exceso pulsional que lo invade y lo saca de su habla, el adolescente encuentra en el cuerpo un campo propicio y único de inscripción. Este cuerpo de desamparo pasa a ser utilizado como medio de expresión y posible traducción en la composición del vínculo social. La clínica psicoanalítica, en vista de lo anterior, piensa espacios para este cuerpo, con miras a decir que es posible en la construcción discursiva.

Palabras-clave: Adolescencia. Cuerpo. Psicoanálisis.

INTRODUÇÃO

A concepção contemporânea de corpo é um breve resultado de transformações nas esferas socioculturais que, por meio de diversas manifestações tem se tornado cada vez mais visível na clínica psicanalítica. O corpo ganha destaque na cultura do consumo que rege o capitalismo e vem despertando o interesse de pesquisadores da psicanálise. O antropólogo Le Breton (2011, p. 7) define a corporeidade humana “como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários”. O autor concebe o corpo como elemento central da expressão humana e que contribui para a compreensão da relação do homem com o mundo.

O corpo torna-se, então, o palco para os discursos do sujeito e ganha papel de intermediador entre seus pares. Como afirma Birman (2006), o corpo se transformou em um local crucial onde o mal-estar contemporâneo se enuncia como queixa, onde o indivíduo indica algo que não está bem. A clínica psicanalítica com adolescentes denuncia esse mal-estar na civilização com formas contemporâneas de expressão do sofrimento e dos processos de subjetivação, sendo possível dizer que a juventude fornece elementos importantes para se pensar a subjetividade na contemporaneidade.

É interessante considerar a adolescência como fenômeno humano complexo e plural, que varia conforme aspectos culturais, históricos e socioeconômicos. Para a psicanálise, a adolescência implica na atualização de questões relativas ao conflito edípico e à sexualidade. A partir do encontro com o outro sexo, o adolescente se depara com a falta que marca a impossibilidade de completude. Na adolescência se realiza uma elaboração da falta, da perda do corpo infantil e o desligamento do lugar de autoridade dos pais (FREUD, 1905/1996).

Freud (1905/1996) comparava a metamorfose da puberdade ao efeito de escavar um túnel dos dois lados ao mesmo tempo. Uma extremidade fura a autoridade, o saber, a consistência do Outro, e a outra extremidade perturba a vivência íntima do corpo. A partir da formulação dessa metáfora freudiana, supomos que construir um túnel implica em também atravessá-lo, sendo que a saída dependerá do contorno e da localização do furo que atinge o saber e o que concerne ao gozo.

A puberdade se refere ao tempo posterior do período de latência. É uma vez que no período anterior à latência, Freud (1905/1996) dizia ser o primeiro despertar da sexualidade, a latência seria o momento em que essa sexualidade que desperta nos primeiros anos de vida adormeceria. Entretanto, esse adormecer da sexualidade não representa uma anulação dos anos anteriores mas, sim, um adormecimento. Na latência, incidiram os impactos da cultura sobre o sujeito, tornando ainda mais complexa a relação desse quanto aos efeitos do recalque e as possibilidades de sublimação. A puberdade surge, então, como o segundo despertar da sexualidade.

Uma das poucas referências lacanianas sobre a adolescência emerge em torno desse despertar da sexualidade. Ao prefaciar a peça *O despertar da primavera*, de Wedekind, Lacan (1974/2003) destaca a dimensão do despertar da sexualidade ao dizer que a sexualidade não faz sentido, ela faz furo no Real. O despertar dos personagens adolescentes da peça

é, para Lacan, um encontro com o Real. O Real é aqui tomado como aquilo que carece de simbolização ou imagem, uma falha do Simbólico e do Imaginário. Se o primeiro despertar da sexualidade precedeu o tempo de latência em que o sujeito encontra um arranjo Simbólico e Imaginário para suas pulsões parciais, na puberdade esse arranjo vem a falhar.

O campo do Outro, considerado como o tesouro dos significantes, exerce papel fundamental no período de latência. Já na puberdade, ao reviver o Édipo, será demandado a reatualização das escolhas feitas na primeira infância. Ao reatualizar essas escolhas, o sujeito se depara com a condição de que não pode contar mais com o Outro, nem com as fantasias infantis e nem mesmo com a imagem de seu corpo que está vivenciando grandes transformações (ALBERTI, 2009).

Na adolescência, o Outro se mostra como insuficiente, tendo em vista o Outro enquanto campo da linguagem, que produz as identificações e representações e que delimita o sujeito como borda corporal (PENA e SILVA, 2018). Segundo Lacadée (2012, p.37), “o sujeito se encontra exilado de seu corpo de criança e das palavras de sua infância, de sua língua de infância que se desarticula, sem que possa lhe dizer o que acontece”.

O encontro com o Real e com o gozo provoca efeitos perturbadores para a relação desse sujeito com o próprio corpo, com a sua imagem e com a língua que se comunica. Tal encontro constitui uma emergência na qual as palavras falham. O desfalecimento das palavras, a ponto de se chocarem com um impossível de dizer, agita tanto os corpos como os pensamentos, tornando-os difíceis de tradução (LACADÉE, 2012).

Rassial (1997) considera a adolescência como uma reedição do Estádio do Espelho, tal como proposto por Lacan. Para o autor, o sujeito deixa para trás o corpo infantil e assume uma nova imagem, a partir da passagem do eu especular para o eu social. Diante da morte simbólica do outro primordial que lhe forneceu a imagem de seu corpo infantil, de forma geral representado pelas figuras parentais, desloca-se essa representação do campo familiar para o social. Desse modo, as amizades, os relacionamentos amorosos e as novas relações sociais irão modelar, constituir e circunscrever o novo corpo imagético do adolescente.

A psicanálise pode acolher esses adolescentes no lugar do indizível, do encontro traumático que faz o furo no saber. Para isso se faz fundamental sustentar a oferta de um espaço diferenciado – oferta que, de certo modo, implica em afirmar o valor do adolescente, de seus atos e de sua palavra. O que pode ser visto como uma tradução possível da linguagem daquele adolescente e a busca por um lugar de acolhida no qual o sujeito possa lidar com sua própria responsabilidade ao ter que responder por intermédio de sua própria língua (LACADÉE, 2011).

O presente artigo pretende discutir as especificidades da adolescência, principalmente as questões que tangenciam o corpo como via de expressão dos modos de sofrimento contemporâneo. E, a partir disso, pensar como a clínica psicanalítica está inserida nesse processo.

1 DISCUSSÃO

1.1 O encontro com o Real, a angústia e o desamparo na adolescência

O adolescente, devido a sua maturação biológica, é movido pela urgência e pela possibilidade de poder concretizar o desejo edípico, assim ressurgem as fantasias infantis (FREUD, 1905/1996). O arranjo presente no período da latência, que consta de uma hibernação sexual durante essa lacuna, apresenta-se falho e o adolescente repudia essas fantasias antigas e segue a condenação definitiva do objeto parental enquanto objeto sexual (LACADÉE, 2011).

Quanto ao processo doloroso, mas necessário, do desligamento da autoridade dos pais, Alberti (2009) destaca a delicadeza desse momento, pois nele os pais são alvos de críticas e tentativas de enfraquecimento por parte do adolescente. O adolescente vai se deparando com as falhas dos pais – que até então eram idealizados – encontrando-se com a falta no Outro. Todavia, ao contrário do que pode parecer, a referência primária e a presença dos pais são fundamentais para a elaboração de escolhas e da falta no Outro. É justamente porque os pais estão lá presentes que o adolescente pode escolher lançar mão deles ou não (ALBERTI, 2010).

De acordo com Rassial (1997), o que ocorre na adolescência é uma falência da metáfora paterna, pois os pais não estão mais ancorados no lugar do Outro. A desqualificação do pai e da família em encarnar imaginariamente o Outro faz com que essa metáfora perca seu valor. Essa pane imaginária do Outro, segundo o autor, é estruturante mas, ao mesmo tempo, envolve riscos. O sujeito pode substituir a família por um outro laço grupal que funcione como similar, para se proteger; ou então, poderá autorizar-se a si mesmo.

Em *O Seminário, livro II: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), Lacan apresenta a separação e a alienação como operações distintas, simultâneas e indispensáveis para a constituição do sujeito. Ao considerarmos a adolescência como momento no qual ocorre o trânsito entre a alienação e a separação, é nela que o Real vai aparecer gerando sentimentos como a angústia e a solidão (LACADÉE, 2011).

A partir da teoria dos conjuntos, Lacan (1964/2008) propõe a alienação baseada na operação de reunião, em que de um lado há o ser (sujeito) e, do outro, o sentido (Outro). Há também um elemento que pertence a ambos: o não senso. Como qualquer uma dessas escolhas comportaria uma perda, a única via possível para o sujeito é optar pelo campo do sentido, pois somente através do Outro ele pode advir. Sendo assim, a alienação consiste em uma escolha forçada do sujeito para que consiga se consistir enquanto tal.

A segunda operação, a separação, funda-se na interseção, tratando-se de algo que falta a ambos os conjuntos (SOLER, 1997). A separação surge a partir do recobrimento de duas faltas. Lacan (1964/2008, p. 203) diz que “uma falta é, pelo sujeito, encontrada no Outro, na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso. Nos intervalos do discurso do Outro, surge na experiência da criança, o seguinte, que é radicalmente destacável – ele me diz isso, mas o que ele é que ele quer?”.

Há algo que escapa à significação. No intervalo entre os significantes surge a pergunta destacada por Lacan, quando o sujeito se depara com a falta no discurso do Outro. O Outro da separação é um Outro faltoso, em oposição ao Outro da alienação que é completo e onipotente (SOLER, 1997).

Enquanto a alienação é um destino inflexível, pois nenhum sujeito falante pode escapar dela, a separação é uma escolha que pode ou não acontecer. É necessário que o sujeito queira se separar da cadeia significativa para surgir enquanto sujeito desejante (SOLER, 1997). É por meio da promessa de ser que o sujeito encara a separação.

De acordo com Lacadée (2011), Lacan afirma que nesse processo é gerado o significante da falta do Outro, que apontaria para o Real de cada um. Na separação algo se perde quanto ao ser e ao sentido, ou seja, falta algo no campo do sujeito e do Outro. O objeto que se depreende é o objeto *a*, que é da ordem do Real (ALBERTI, 2009).

O conceito de ego, estruturado a partir do narcisismo, se faz pertinente nesse contexto. A partir da ideia de que o ego é uma instância que procura esquivar-se de mudanças que podem gerar desprazer, ele desempenha um papel de protetor da autoconservação. Com as transformações advindas da puberdade, o ego é demandado para uma reorganização subjetiva em diversos planos. Essa alteração da composição egóica é necessária, apesar de representar um ataque ao narcisismo. Essa fragilidade narcísica irá gerar sentimentos de angústia, mas também tornará possível o desligamento gradual das figuras parentais e o investimento do adolescente em novas referências (SAVIETTO e CARDOSO, 2006).

Embora o corpo da criança já tenha sofrido transformações importantes no curso do seu desenvolvimento, é na adolescência que esse corpo assume uma posição diferente da anterior no que concerne à genitalidade que agora ocupa a posição dominante do sujeito (RASSIAL, 1999). A partir disso, a puberdade fisiológica surge perturbando a imagem do corpo construída na infância.

A noção de desamparo, desenvolvida por Freud (1926/1976) torna-se importante para entender esse cenário. Freud situa o desamparo como o estado no qual o sujeito encontra-se inundado por um excesso de excitações, que ultrapassa sua capacidade de dominar. Ou seja, diante da ativação de novos aspectos pulsionais que foram provocados pela genitalização do corpo do adolescente, este se sente transbordado, inundado pela excitação dessa nova pulsionalidade que ainda não é capaz de dominar.

Assim, pode-se dizer que, diante das mudanças fisiológicas e psíquicas que envolvem a adolescência, o sujeito se depara com um excedente pulsional que, por sua vez, se verifica como fator decisivo na ocasião em que o sujeito revive algo da ordem de seu desamparo fundamental. A potencialidade traumática da adolescência, no sentido freudiano do termo, prevê diante desse estado de desamparo o risco de ruptura no sentimento de continuidade de si (JEAMMET *apud* ALBERTI, 2009).

Inundado por sentimentos como a angústia, o inominado e o desamparo que fragilizam sua existência, e por não encontrar representação que simbolize esse abalo, o adolescente é levado a uma sensação de aflição e mal-estar. Para Dunker (2015, p. 193), o mal-estar remete a uma ausência de lugar, de posição e “convoca uma dimensão moral”.

Diante disso, uma nova temporalidade se abre para o adolescente e o futuro muda de sentido; o passado, de valor e, o presente, de qualidade, pois a presença de si para si próprio, mesmo que seja sob a garantia do Outro, não é mais tão segura. Rassial (1999) teoriza que esse tempo seria ordenado por um momento lógico necessário de apropriação do sintoma enquanto sintoma sexual. A partir dessa apropriação é marcado o fim da adolescência enquanto período de funcionamento psíquico. Pode-se dizer que o mal-estar é a sensação de que não se sabe ou não encontrou seu lugar no mundo e, por isso, gera sofrimento. O adolescente é afetado diretamente por essa condição que o inunda, uma sensação disforme, anômica e inominada.

1.2 O corpo adolescente e a crise da linguagem

O corpo na adolescência se torna campo privilegiado de investimentos libidinais. Se, por um lado, a puberdade fisiológica perturba a imagem corporal construída na infância, por outro, é no apelo ao corpo que, muitas vezes, o adolescente encontra a ordem propícia e singular de inscrição como forma de se representar diante do Outro.

A necessidade de tomar posse do próprio corpo e de seus desejos ganha destaque nessa fase da vida. É a partir do corpo que o adolescente encontra o Outro e assimila as semelhanças e diferenças em novos grupos e espaços sociais. Ao buscar se separar do olhar familiar, o adolescente vai ao encontro de novas identificações para se ancorar. Nesse processo, as marcas corporais podem designar um suporte para a circulação do corpo social, que busca a (re)constituição do corpo pulsional, fazendo com que ele seja libidinizado, além de, fundamentalmente, representado (COSTA, 2004). Pode-se dizer que são essas bordas que possibilitam a vinculação com o ambiente, com o Outro e com a realidade.

Rassial (1999) compreende a adolescência como o desfazimento do corpo infantil e assunção do corpo adulto. Para o autor, essa passagem marca o momento da reapropriação egóica do corpo que passou a ser ameaçador e que transborda, de modo incontrolável, o Real da puberdade. É como se o corpo infantil houvesse sido despedaçado e precisasse ser novamente contido, reescrito por significantes.

Como esclarece Lacadée (2012), o jovem trata e esfolia seu corpo, cuida dele e o maltrata, ama-o e odeia-o com intensidades variáveis, ligado à sua história pessoal e à capacidade de seu entorno de lhe oferecer limites necessários para abrandar o gozo. Quando os limites lhe fogem, o jovem busca-os na superfície desse corpo. Ele testa os limites físicos, coloca-os em jogo para senti-los e apreendê-los e, então, conter o sentimento de identidade. Revelado, também, no gozo de marcas corporais que podem ir de tatuagens e piercings até ferimentos deliberados como as automutilações, o adolescente inscreve sua vontade de fazer marcas no mundo, através de seu corpo, a fim de acessar o sentimento de identidade.

Como forma do sujeito lidar com as questões do excesso libidinal, se manifesta uma “tendência a agir”, expressão dita por Haim (1971, *apud* Alberti, 2009). Essa tendência a agir poderia ser exemplificada por fugas, ingestão de drogas, anorexia, automutilações dentre outras formas. Muitos desses casos se referem a atos que incidem no próprio corpo, trazendo a marca da compulsão à repetição incessante movida pelo gozo.

De acordo com Lacan (1962/2005), os atos seriam o modo de resposta, ou, ainda, a barreira última frente à angústia gerada pelo objeto *a*, que é índice de separação/conjunção entre o corpo próprio e o Outro. Diante disso, emergem os conceitos de passagem ao ato e *acting out* pertinentes a essa discussão.

Ainda, para Lacan (1962/2005, p. 129), na passagem ao ato o sujeito “se precipita e despenca fora da cena”. Ou seja, o sujeito desaba para uma situação de ruptura integral a partir da identificação com o objeto *a*, de um ato não simbolizado. Outra condição destacada por Lacan como essencial para a passagem ao ato é o confronto do desejo com a lei. Pontua Alberti (2009, p. 84):

Ao passo que o ato simbólico opera um corte simbólico no real, a passagem ao ato subtrai o sujeito do registro simbólico, para situá-lo no lugar do real: o sujeito deixa de ser um significante que se representa por meio da associação com outro significante, para se tornar aquilo que dele escapa à simbolização, identificado com o objeto *a*.

O *acting out* teria como diferencial o caráter de apelo dirigido ao Outro. De acordo com Lacan (1962/2005), o *acting out* está articulado com a transferência e seria uma transferência selvagem. Isso indica que no *acting out* há o endereçamento ao lugar da transferência, uma mensagem que se diz ao Outro. Todavia, não é encontrada resposta que possa devolver ao sujeito inconsciente essa mensagem. Por isso, trata-se de uma transferência selvagem, ou seja, uma transferência sem a interpretação do analista. Teoriza Lacan (1962/2005, p. 138):

O *acting out* é, em essência, a mostração, a mostragem, velada, sem dúvida, mas não velada em si. Ela só é velada para nós, como sujeito do *acting out*... Ao contrário, ela é, antes, visível ao máximo, e é justamente por isso que, num certo registro, é invisível, mostrando sua causa. O essencial do que é mostrado é esse resto, é sua queda, é o que sobra dessa história.

A respeito desses atentados à integridade corporal dos adolescentes, Le Breton (2010) considera que, a princípio, não dizem respeito à hipótese de morrer, mas sim à vontade de viver e atuam como pedido de ajuda, seja para encontrar a legitimidade significativa no Outro ou para encontrar sentido para a vida. Por isso, é importante não tratar essas condutas como indiferentes ou comuns a essa idade, pois podem envolver riscos quando não tratadas como mensagens.

Frente ao excesso pulsional que invade o corpo e lhe tira do discurso, o adolescente encontra na esfera física um campo de tradução. Na busca por uma língua que se comunique com o Outro, pode-se dizer que “a crise da adolescência é antes de tudo uma crise da linguagem” (LACADÉE, 2012, p. 41). É nesse ponto que se faz possível enxergar as passagens ao ato e os fenômenos de violência como uma falta de tradução possível em palavras. O ato surge como curto-circuito daquilo que falta e pede tradução.

Em torno dessa crise da linguagem, Lacadée (2011, p. 141-142) diz:

Ao manejar a provocação, insultando-se, os adolescentes fazem um uso sexuado da injúria para amarrar e velar o buraco na língua. A grande tensão verbal que os anima provém de sua dificuldade de compreender a palavra do Outro, uma dificuldade que tinge de ameaças as palavras que esse Outro lhes dirige - querem “enrolá-los”. Eles têm de se defender dessa língua do Outro que se tornou “enrolada”, “indecifrável”, com a língua da sua área. Suas invenções languageiras, profundamente enraizadas no lugar em que vivem, servem, portanto, de abrigo, refúgio.

Lacadée (2011) chama essa língua do adolescente de “língua do a mais” pela excessividade não apenas de seus gestos, como também de palavras que contêm demasiada energia. Esse “a mais” de sensações do corpo vivenciado pelo adolescente o perturba e faz com que ele busque limitar-se ou inscrever-se, seja arriscando, seja infligindo marcas em seu próprio corpo.

No célebre texto de Freud (1920/1996), nomeado *A jovem homossexual*, é possível perceber as distinções entre *acting out* e passagem ao ato. O caso trata de uma jovem de 18 anos que começou a apresentar grande devoção por uma “certa dama da sociedade”, bem mais velha e que mantinha relações íntimas com outras mulheres. Tal comportamento da jovem causava indignação em seu pai.

Em determinada cena, a jovem passeia com a amada de modo que seu pai pudesse vê-la. Quando o pai a vê, ele lança-lhe um olhar de ira, assim a jovem conta para a dama sobre a desaprovação de seu pai em vê-las juntas e a dama, nesse momento, diz que o caso das duas deveria então terminar. Naquele instante, quando a jovem se viu largada pelo pai e pela dama, ela pula por cima do muro em direção à linha ferroviária que passava ali embaixo. Seis meses após esse episódio, os pais da jovem buscam tratamento para a filha com Freud. Freud (1920/1996) assinala que quanto mais a jovem se aproximava dessa senhora, mais causava o desgosto do pai. A mãe da jovem, por sua vez, não demonstrava aflição quanto a essa aproximação. A mãe, na realidade, enxergava a filha como uma rival, mantendo um afastamento na relação da filha com o pai, o que também gerava pouca afeição da jovem pela mãe.

Na cena em que a jovem passeia com a dama, exibindo-se aos olhos de todos, mas principalmente de seu pai, evidencia seu lugar de objeto caído do desejo do Outro, uma vez que a mãe a afastava de seu pai, e este, por sua vez, só tinha olhos para sua mulher. Nesse sentido, o *acting out* põe em cena algo que se estrutura como não podendo ser dito, em torno do objeto causa de desejo, o objeto *a*. É o objeto *a* que, no ato, se dirige ao Outro, na tentativa de recuperar seu lugar no desejo do Outro. Através de um saber não sabido, há algo que escapa o sujeito que ressurgue no ato, como se dirigido ao Outro.

Assim, observa-se que a jovem traz a cena do passeio com a dama para causar o olhar do pai, para causar seu desejo (*acting out*), mas no momento seguinte em que recebe o olhar de ira dele junto com as palavras de descaso da dama, a jovem se joga na linha ferroviária,

passando ao ato, ao sair da cena. Lacan (1962/2005) vai entender que a passagem ao ato é um salto no Real, um atravessamento selvagem da fantasia. Nessa situação, o sujeito, ao invés de se fazer representar entre dois significantes, se identifica com o objeto. Assim, a passagem ao ato se estabelece como limite da relação do sujeito com o objeto *a*, indicando o rompimento do limite entre a cena e o mundo.

Por não receber a marca do Outro simbólico que deixou de operar, o adolescente a providencia sozinho e pede para ser ouvido em sua dimensão de sofrimento, de apelo, de invenção e de vida. A partir desse contexto, Lacadée (2011) convida a pensar a clínica para além da diferenciação entre *acting out* e passagem ao ato e perguntar para quem os adolescentes, ao adotarem essa conduta, buscam demarcar sua existência?

Na tentativa de encontrar uma forma de nomear o que lhe acontece, o corpo do adolescente se torna o lugar da experiência da falta de saber, que leva o sujeito a inventar. O jovem tenta esse enlace para lidar com a alteridade radical do outro sexo, por isso se faz importante conseguir ouvir a resposta singular que cada sujeito conseguiu acessar (LACADÉE, 2011). E, por isso também, a dimensão do ato é tão importante nas patologias da adolescência, pois ela indica a tentativa de inscrever “a parte real ligada ao objeto *a*” (LACADÉE, 2011, p. 19).

2 A CLÍNICA PSICANALÍTICA DIANTE DA ADOLESCÊNCIA

Os sintomas viabilizam o acesso a alguma verdade do sujeito. No entanto, pelas modificações que excedem o corpo imaginário, “a puberdade pode ser vivida por alguns adolescentes como uma doença” (RASSIAL, 1999, p. 19). Torna-se importante a psicanálise não sustentar essa ideia, uma vez que a partir dela há o risco da patologização da experiência adolescente. Ao contrário de *patologia* ou *doença*, o conceito de *sintoma* deve indicar uma saída singular que o sujeito encontrou de se sustentar.

A análise enquanto um processo no qual o adolescente possa construir sua própria resposta, se faz importante (ALBERTI, 2009; RASSIAL, 1999). Assim, a singularidade será valorizada em detrimento de discursos pré-estabelecidos e homogeneizantes ou, como diz Lacadée (2011, p. 31), “só pode ser ouvida, se deixamos a cada um a escolha de dizer com suas palavras o que está acontecendo em sua vida”. O analista deve oferecer escuta consentindo ao adolescente falar daquilo que o angustia com a substituição do ato pelo dizer, permitindo a construção simbólica que contorne o Real e promova a elaboração.

Sobre a clínica psicanalítica diante do sujeito adolescente, Lacadée (2012, p. 44-45) enfatiza:

O espaço de liberdade da palavra que oferecemos aos adolescentes que recebemos, no marco da sessão analítica, desenha um enquadre para que o sujeito encontre a via do novo no dizer. Nos cabe (sic) então entender o que o faz agir, ajudando-o a encontrar um lugar onde endereçar seu sofrimento, um lugar onde elaborar sua própria fórmula – onde o que ele rejeita é a fórmula do Outro – e que terá valor de suplência. A psicanálise, para apoiar a maturação, deve oferecer o laço e o lugar da livre associação como tradução possível.

É importante ressaltar que não partimos do pressuposto de adolescência atemporal, mas sim a adolescência que habita o contexto sociocultural da atualidade, pois é entre esses adolescentes contemporâneos que fenômenos como as passagens ao ato e *actings out* vêm ganhando grande visibilidade.

Pensar sobre os atos realizados pelos adolescentes demanda pensar sobre os impasses que são vividos e desencadeados pelo Real da puberdade, a partir ainda do campo social. Por isso se faz importante aprofundar o olhar no caso a caso, sem reduzi-los apenas como demonstração do que se sabe *a priori* pela inferência de uma estrutura de base. A respeito desse último ponto, é relevante lembrar que os adolescentes são, sobretudo, sujeitos em constituição, imersos no *tempo de concluir*.

Adolescer trata de um tempo de intenso trabalho psíquico. Lesourd (2004) chama esse período de *operação adolescente*. Nessa operação o adolescente busca inscrever-se por meio de novos significantes no campo do Outro.

A adolescência pensada como uma operação é: a passagem entre o discurso infantil referido ao Pai para os discursos sociais referidos ao Outro social. O remanejamento imposto por esta passagem entre duas formas de referência implica um remanejamento da organização psíquica e da relação do sujeito com o mundo (LESOURD, 2004, p. 14).

Rassial (2000) e Lesourd (2004) convergem em duas perspectivas: a adolescência é um tempo de intenso trabalho psíquico e é reveladora do nosso funcionamento social; revela algo que pertence ao nosso tempo e à nossa cultura.

Se, por um lado, trabalhar com adolescentes envolve a delicadeza de reconhecer que a adolescência não é a mesma para todos, também é necessário observar o que esses adolescentes estão nos revelando sobre o seu tempo. Cabe refletir sobre os motivos pelos quais os atos se tornaram tão presentes na clínica com esse público hoje. Logo, o que está sendo denunciado acerca do campo social no qual os adolescentes estão inseridos? Tratando-se de uma intensificação de pedidos de ajuda pela via do ato, a clínica com adolescentes escancara uma sociedade na qual o sofrimento psíquico encontra pouco espaço e vias para se manifestar e ser reconhecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O encontro com o Real da puberdade, com aquilo que faz furo, perturba a vivência íntima do corpo e traz inquietações. O corpo se torna o campo onde se atualizam os problemas da identidade e do gozo indizível. O Real que está em jogo nas transformações do corpo não pode ser reduzido a um real orgânico, apenas um fenômeno físico, mas sim fenômeno do corpo. Esse corpo que é tomado por um gozo estrangeiro, não significado pela palavra e, por isso, experienciado como gozo fora do corpo.

As transformações corporais contam uma história cuja trama, muitas vezes, encontra-se não em sua superfície, mas sob a pele. Muito além de formas para expressar faltas e excessos

comuns na adolescência essas transformações ajudam a dar contorno ao corpo assolado pelo Real da puberdade e permite que o sujeito encontre novas ancoragens identificatórias, separando-se das figuras parentais. Elas apontam para a singularidade presente nas escritas corporais, tornando-se um modo de subjetivação.

Uma vez que a passagem da infância para a adolescência desaloja o sujeito de sua língua e de seu corpo infantil, é necessário então que ele possa encontrar novos modos de inscrição no mundo e de se re-construir. A falta de tradução em palavras, que é experimentada diante do impasse na relação com o Outro, faz com que o ato surja enquanto colapso dessa circunstância. Para salvar a si próprio, o adolescente se reinventa deixando assim sua marca no mundo.

Diante disso, a psicanálise pode proporcionar o surgimento de um novo dizer, de uma fala inédita, além de permitir dizer algo sobre o impossível de dizer, isto é, o Real (LACADÉE, 2011). Portanto, cabe à psicanálise olhar para essas práticas para além de seu caráter ornamental e escutar o que podem nos dizer sobre o processo de constituição subjetiva dos adolescentes na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, S. *Esse sujeito adolescente*. 3. ed. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos/Contra Capa, 2009.
- ALBERTI, S. *O adolescente e o outro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.
- BIRMAN, J. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- COSTA, A. A transicionalidade na adolescência. In: COSTA, A. *et al.* (orgs.) *Adolescência e Experiências de borda*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 165-193.
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1905). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. *A psicogênese do caso de homossexualismo de uma mulher* (1920). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. *Inibições, Sintomas e Angústia* (1926). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

- LE BRETON, D. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 25-40, jun., 2010.
- DUNKER, C. L. *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- LACADÉE, P. A clínica da língua e do ato nos adolescentes. *Responsabilidade*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 253-268, fev., 2012.
- LACADÉE, P. *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.
- LACAN, J. *Prefácio para O despertar da primavera (1974)*. In LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, J. *O Seminário: Livro 10. A angústia (1962)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- LACAN, J. *O seminário: Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- LESOURD, S. *A construção adolescente do laço social*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- PENA, B. F. e SILVA, R. D. C. O outro no ensino lacaniano: algumas considerações. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, v. 49, n. 1, p. 81-90, jul., 2018.
- RASSIAL, J. J. *O sujeito em estado limite*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- RASSIAL, J. J. *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- RASSIAL, J. J. *A passagem adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.
- SAVIETTO, B. B. e CARDOSO, M. R. Adolescência: ato e atualidade. *Revista mal-estar e subjetividade*. Fortaleza, v. VI, n.1, p. 15-43, mar., 2006.
- SOLER, C. O Sujeito e o Outro II. In: FELDESTEIN, F., FINK, B. e JAANUS, M. (orgs.). *Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p.58-67.